

MÚTIPLoS ESTEREÓTIPOS: ADOÇÃO, RECONSTRUÇÃO, ANULAÇÃO

MULTIPLE STEREOTYPES: ADOPTION, RECONSTRUCTION, CANCELLATION

Helga Valéria de Lima Souza

Universidade de Brasília, Brasil.

helgaarte@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta o processo de mediação aplicado junto às turmas da 5ª a 8ª séries do turno vespertino, da modalidade de Educação de Jovens e adultos – EJA, em uma escola pública da cidade de Taguatinga, no Distrito Federal - DF, criado a partir da observação e análise dos posicionamentos e das crenças apresentadas pelos educandos, relacionadas aos estereótipos adotados por eles como verdadeiros. Assim, na busca por uma melhor compreensão de tais questões e, pela percepção de fatos ocorridos em sala de aula no primeiro semestre de 2017 (fatos que tornaram-se determinantes para os modelos de relações existentes entre os educandos e educandos e professores, influenciando de modo direto ou indireto a dinâmica da aula, o nível de aprendizado do educando e, em alguns casos, sua permanência na escola) é que foi planejado, proposto e aplicado, no segundo semestre de 2017, o projeto *Múltiplos Estereótipos*. O projeto buscou, ao dar voz aos educandos, debater a origem e o entendimento acerca dos estereótipos adotados por eles, gerando, em um primeiro momento, debates críticos e, em um segundo momento, produções plásticas, com a culminância de um caderno individual, composto de textos visuais. O projeto foi desenvolvido simultaneamente para cinco turmas, devido a questões que se entrelaçavam entre elas, sendo avaliado como positivo e prazeroso pelos educandos, já que, além das aulas práticas, foi observado na fala dos educandos aprendizados teóricos e avanços na capacidade de um pensar crítico, relativo as suas crenças e sua condição social.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; mediação; estereótipos.

Abstract

This article presents the mediation process applied to the classes of 5th to 8th grade of the afternoon shift, of the Youth and Adult Education modality - EJA, in a public school in the city of Taguatinga, in the Federal District – DF, created from the observation and analysis of the positions and beliefs presented by the students, related to the stereotypes adopted by them as true. Thus, in the search for a better understanding of such issues and by the perception of facts occurred in the classroom in the first half of 2017 (facts that became decisive for the models of relationships existing between the learners and learners and teachers influencing directly or indirectly the dynamics of the class, the learner's level of learning and in some cases your stay at school) is that it was planned, proposed and implemented in the second half of 2017, the Multiple Stereotypes project. The project sought giving voice to the students discuss the origin and understanding of the stereotypes adopted by them generating at first, critical debates and, in a second moment plastic productions with the culmination of an individual notebook composed of visual texts. The project was developed simultaneously for five classes, due to issues that were interwoven between them, being evaluated as positive and pleasurable by the students, since, in addition to the practical classes, it was observed in the students' speeches theoretical learning and advances in the capacity of a thinking criticism, regarding their beliefs and their social condition.

Keywords: youth and adult education; mediation; stereotypes.

Introdução

O início do ano letivo deve ser entendido como o momento de inovação. No entanto, os termos início, momento e inovação não devem ser limitados ao primeiro dia, ou as primeiras horas de aula, como algumas escolas assim utilizam-nos, esbanjando criatividade ao receber os alunos com os professores vestindo fantasias, brinquedos alugados, distribuição de doces, balões e etc., findando logo em seguida, suas boas-vindas aos educandos e, iniciando, então, uma sequência de exposições conteúdicas, enriquecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, com a utilização de slides, não raramente buscados em sites que oferecem slides com aulas prontas – conteúdos uniformemente organizados para uma aplicação generalizada, ou com a reprodução de textos e imagens, já presentes no livro didático.

Embora essas ações alegrem o ambiente, facilitem a comunicação pelo seu caráter lúdico e apresentem um viés acolhedor, é necessário entender que é preciso um olhar mais atento e pontual a cada educando, desde o momento no qual, ele ali se apresenta.

Já há um bom tempo em que o sistema de ensino formal busca pela uniformidade do educando¹. Essa uniformidade que, na microesfera do sistema educacional, aqui entendida como a escola, se dá, ora de forma direta - modelo de organização das turmas, numeração dos alunos pela chamada, mapeamento dos lugares, adoção do livro didático e a obrigatoriedade do uniforme entre outros, ora se dá de forma indireta, na subjetividade de olhares que condenam questões, como por exemplo, alguns estilos de maquiagens, pinturas de cabelo, visibilidade de tatuagens, vocabulário dos educandos, sotaques, preferências musicais ou opção religiosa, entre outros.

Já na macroesfera, a uniformidade ocorre de forma prática, via o controle das ofertas orçamentárias, estipuladas pelos sistemas econômicos e pela regência das políticas públicas que norteiam tanto o acesso ao sistema e uma proposta de educação para o trabalho, como pela imposição de ideologias das classes dominantes que, ao ditarem regras e modelos formativos, geram guetos populacionais que passam a ser naturalizados e socialmente estereotipados,² via um processo de reprodução acrítica no cotidiano das escolas.

Como ação de resistência a essa condição discriminatória, praticada pela rotulação de educandos estereotipados, é possível que em sites de fácil entendimento, como por exemplo, o Infoeduca,³ entre outros, o professor faça breves leituras na busca de embasamentos teóricos que o norteiem em ações práticas para sala de aula, relativas aos processos de construção de determinados estereótipos, através da interação social, compreendendo, assim, como se processa

¹ Uniformidade dos educandos pode ser citada nos diversos modelos educacionais, tanto particulares quanto públicos, ao pensarmos nos sistemas religiosos ou nos sistemas baseados no Fordismo, por exemplo.

² Os estereótipos são pressupostos ou rótulos sociais, criados sobre características de grupos para moldar padrões sociais. Um estereótipo refere-se a certo conjunto de características que são vinculadas a todos os membros de um determinado grupo social

³ Site educacional, fundado em 2006.



a naturalização desses estereótipos, ditos muitas vezes também, pelos docentes, como certos e garantidos, tornando-se frequentemente um pensamento⁴

Tais pensamentos (crenças em estereótipos), no geral, possuem caráter de marginalização por um grupo em relação aos demais. Esse processo pode se dar por parte de quem aceita um determinado estereótipo como verdade, criminalizando quem a ele corresponde – no caso de estereótipos negativos, ou criminalizando quem a ele não corresponde, no caso de estereótipos aprovados e reproduzidos em determinados meios.

Em ambos os casos, o que pode ser observado em sala de aula é um processo de exclusão dos indivíduos estereotipados, em relação aos demais, seja por discentes ou docentes. Tais pensamentos estão comumente relacionados a questões de gêneros, posse financeira, localização geográfica, religião, raça, tipo físico, ou a condutas morais.

O processo de marginalização do indivíduo, além de afetar o indivíduo estereotipado, gera perdas pessoais e sociais. Esta noção é apresentada por Araújo (2011) ao fazer uma análise contextual do problema, indicando que

o negativamente estigmatizado é encarado como pessoa que está inabilitada para a aceitação social plena; um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de conhecimento de outros atributos seus. (ARAÚJO, 2011, p.3)

O perfil das turmas: pilar fundante para a problematização

Diante da relevância social do tema Estereótipo, somado ao conhecimento adquirido, ao longo de quatro anos, como professora de artes, presente na mesma escola e com atividades nas mesmas séries, ao observar os diversos conflitos ocorridos, devido à variação de estereótipos relatados pelos educandos e seus entendimentos sobre tal questão e, ao observar os problemas e limitações ocorridas, no que se refere à aprendizagem de conteúdo e à construção de laços afetivos entre os educandos, tornou-se necessária uma intervenção pedagógica.

Para tanto, o perfil das turmas, gerado via informações obtidas do corpo do Projeto Político Pedagógico – PPP/2015/2⁵, acrescidas de informações apresentadas por educandos com a

⁴ Pensamento, segundo Dewey (1959) é uma “possibilidade sugerida [...] Se aceita como possibilidade legítima de ocorrência, torna-se a espécie de pensamento que se enquadra no escopo do conhecimento e que requer consideração reflexiva”. (DEWEY, 1959, p.19)

⁵ A sigla PPP/2015/2 indica o Projeto Político Pedagógico, adotado no segundo semestre de 2015, no Centro Educacional 2- C2, da cidade de Taguatinga, no Distrito Federal, polo da modalidade EJA, no qual é apresentado o perfil dos educandos, baseado em fatores com moradia, idade e classe social, entre outros, sendo também um dos documentos utilizado para o desenvolvimento da dissertação intitulada *Jovens na modalidade EJA na Escola Pública: autodefinição de jovem e função das TDICs* (SOUZA, 2017), que buscou pelo perfil dos educandos e a função atribuídas por eles as TDICs.



aplicação de entrevistas em grupo e individual, transcritas e analisadas⁶ ao longo do ano de 2016, por registros escritos por parte da professora, a partir da observação *in loco* dos educandos, no primeiro semestre de 2017, e agregados às questões específicas da escola, devido a sua localização, foi possível a formulação de um método melhor adequado ao contexto, que possibilita alcançar objetivos entendidos como necessários na formação dos educandos.

Assim, foi levantado, com base no histórico acima apresentado (PPP2015/2, entrevistas em 2016 e observações *in loco*, no primeiro semestre de 2017), que as turmas do turno vespertino - do 6º ao 9º ano, tinha em sua composição, educandos oriundos de realidades distintas, o que gerava uma gama diversificada de relacionamentos que se entrelaçavam. Existiam educandos com parentesco familiar – pais e filhos, casais (foto1), namorados, primos e irmãos. Existiam educandos com histórico de amizades iniciadas em outras escolas. Existiam educandos que, devido ao alto índice de desistência e de reprovação, possuíam uma relação de amizade – às vezes de inimizades, iniciadas e mantidas, ao longo de alguns anos, na mesma escola.



Foto 1: Arquivo pessoal da autora (2017)

A variação de idade dos educandos, matriculados na mesma turma, ocorria pela presença de jovens⁷, adultos e idosos. Essa variação, às vezes, funcionava como fator de agregação, principalmente, no caso das educandas jovens que buscavam nas mulheres mais velhas, orientações ou uma atenção com viés maternal. Outras vezes, porém, a variação de idade apresentava caráter discriminatório. Em tais circunstâncias, eram frequentes as ações de ridicularização dos termos adotados, dos gestos utilizados, ou por questões de aparência física, entre outros.

Em relação à condição familiar financeira, havia educandos que relatavam ter uma boa condição financeira, ou seja, possuidores de casa própria, carro, celulares de última geração,

⁶ A aplicação de entrevistas em grupo e individual junto a educandos da mesma escola, horário, turmas e disciplinas e, com a mesma professora, ocorreu no ano de 2016 – um ano antes da aplicação da proposta Múltiplos Estereótipos, e é parte integrante do material levantado para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, com culminância na dissertação já citada.

⁷ Embora existisse a presença de jovens, adultos e idosos em todas as turmas, nas 8º séries os jovens – de 15 a 24 anos, eram a grande maioria, assim como na 5º série, os adultos – com média de 50 anos, principalmente mulheres, predominavam. O conceito de jovens adotado para o desenvolvimento da proposta Múltiplos estereótipos, é o mesmo trabalhado e apresentado na dissertação já citada.

apresentando relatos de viagens ao exterior e moradores de diversos bairros, definidos por eles como bairros de classe média. Em contrapartida, havia também educandos em condição de pobreza⁸, vindos de grupos de catadores de lixo, moradores de abrigos populares ou acolhidos em casas religiosas.

No que se refere à religião, dois grupos predominavam: os católicos e os evangélicos, havendo, porém, educandos protestantes, de umbanda e ateus, entre outros. A religião era um dos pontos de confronto entre os educandos, sendo, muitas vezes, apontada como a principal causa ou origem, para a adoção de alguns estereótipos, principalmente, estereótipos relacionados a questões morais, ao bem e ao mal.

Também havia a presença, em média, de dois a três alunos especiais com laudos, idades e desenvolvimento variados. Entre os especiais, havia os que estavam em processo de adaptação às “turmas regulares” e que, por esse motivo, tinham um auxiliar que os acompanhavam. Os já avaliados como integrados ou sem necessidade de acompanhamento, participavam integralmente das atividades, havendo, contudo, critérios de avaliação diferenciados para cada caso.

Mais uma variável de peso era o uso de drogas lícitas ou ilícitas, sendo as lícitas utilizadas com maior destaque entre os adultos (antidepressivos, o fumo e o álcool), e as ilícitas com mais intensidade, entre os jovens (maconha e craque). O uso e a comercialização das drogas antes da entrada e, às vezes, dentro da escola, era analisado como um dos principais fatores de ausência dos educandos em sala de aula e, conseqüentemente, de reprovação pelo excesso de faltas, ou por atividades não apresentadas. O alto nível de infrequência de alguns educandos dificultava o entendimento de qualquer proposta que apresentasse uma sequência obrigatória para ser desenvolvida. Esta questão levava muitos docentes a organizar atividades que iniciavam e findavam na mesma aula, além de fortalecer estereótipos negativos, relacionados à capacidade cognitiva dos educandos e valores morais como pessoas ligadas ao mal.

A escola, por sua vez, era localizada no centro da cidade e definida pelos educandos, como de fácil acesso, devido à grande quantidade de linhas de ônibus que por ali passavam, além das duas estações de metrô relativamente próximas. Outro chamativo de peso, em especial, para os jovens educandos, era a localização, a poucos metros da escola de um dos principais shoppings da cidade, o que favorecia a alimentação, a espera da carona, o encontro com os colegas e, muitas vezes, a matança de aula. Tais questões possibilitavam e atraíam estudantes de diversas regiões administrativa⁹ do DF.

Em um grupo tão peculiar, passou a ser entendido como “algo natural”, que diversas questões extracurriculares viessem à tona e gerassem debates – muitas vezes, acalorados,

⁸ A classificação de pobre apresentada por alguns educandos e aceita em sala de aula, partiu de uma auto definição apresentada pelos educandos, e pelo modelo de avaliação desenvolvido por Vasconcelos (2007).

⁹ Região administrativa é a atual designação das chamadas cidades satélites – cidades que se desenvolveram ao redor de Brasília – Taguatinga, Ceilândia, Sobradinho, Planaltina etc.



prejudicando o andamento da aula e tornando necessário um melhor entendimento sobre a construção de estereótipos, que assombravam muitos dos educandos ali presentes.

Assim, toda a diversidade presente em sala de aula, tornou-se base para o desenvolvimento do trabalho intitulado *Múltiplos Estereótipos*, que tinha como objetivo mediar, junto aos educandos, um pensar crítico, relativo aos estereótipos que o cercavam e, a partir desta análise, quais eram os estereótipos por eles reproduzidos e, com frequência, adotados. Na busca de tais entendimentos, houve a geração de alguns tópicos tais como: O que são estereótipos? Como esses estereótipos são visualmente representados? Como foram formados? Até que ponto corresponde à realidade? E quais as possibilidades de reavaliação desses estereótipos?

Planejamento, apresentação e desenvolvimento da proposta

Após o levantamento do perfil da turma, foi feito um primeiro planejamento geral, que duraria o semestre¹⁰ – 40 (quarenta) aulas no total. Das 40 (quarenta), as 4 (quatro) primeiras foram utilizadas para a apresentação da professora, acolhimento da turma, exposição da proposta e ajustes entendidos como necessários pelos educandos. As 30 (trinta) aulas seguintes foram divididas em duas partes, com 15 (quinze) aulas cada, nas quais, ocorreria uma sequência de oferta de temas e produções plásticas, sendo os 5 (cinco) primeiros temas, definidos pela professora, e os demais; escolhidos pelos educandos por “chuva de ideias”¹¹ e votação. Entre o fechamento do primeiro momento e o início do segundo momento, no qual os educandos deveriam ser mais ativos, tanto na exposição de ideias, quanto nas produções plásticas, houve 1 (uma) aula para a avaliação e reajustes da proposta. As 5 (cinco) últimas aulas foram reservadas para a montagem do caderno composto com os textos visuais, avaliação da proposta pela turma, escrita da redação – autoanálise e fechamento do semestre (foto 2).

No primeiro momento, a seleção dos temas ofertados pela professora¹² buscou gerar um debate amplo, que possibilitasse o envolvimento de todos os educandos, ou seja, educandos da mesma turma ou de turmas diferentes, já que existiam laços que os envolvia.

Assim, em sala de aula, e com o tema ofertado, era mediada a apresentação dos educandos sobre seu entendimento e conhecimento sobre o assunto.

¹⁰ Na modalidade de educação EJA, um semestre corresponde a um ano letivo no sistema regular.

¹¹ Na Chuva de Ideias, os educandos, livremente, expõem temas de seu interesse para debate. Os temas são escritos na lousa e, após a anotação de 10 (dez) a 12 (doze) temas propostos, é feita uma votação para a escolha do tema a ser pesquisado e debatido na próxima aula.

¹² Temas ofertados a todas as turmas e na mesma sequência: Aluno EJA, profissão, violência, tecnologia, vida.



Foto 2: Arquivo pessoal da autora (2017)

Em seguida, foi pedido aos educandos que, ao longo de uma semana, ou seja, até a próxima aula, que debatessem o tema entre os colegas das demais turmas, familiares, amigos de fora da escola e outras comunidades, das quais o educando participava. Com a ampliação dos debates, o educando deveria pesquisar em revistas, sites, catálogos, jornais, livros e todo material que julgasse válido, imagens que compusessem uma descrição visual sobre o sujeito presente no tema debatido, ou seja, imagens que compusessem visualmente o estereótipo do sujeito¹³ presente no tema em questão.

A atividade de pesquisa de imagens para a construção dos sujeitos representantes dos estereótipos debatidos tinha como objetivo a mediação do hábito da pesquisa escolar, do conhecimento de novos espaços de pesquisa, da seleção criteriosa dos conteúdos (imagens) encontrados, de um olhar atendo para a composição visual dos personagens, na qual envolveria proporção, harmonia temática, simbologia das cores e a subjetividade dos objetos enquanto possuidores de discurso (foto 3).

¹³ Um exemplo do “sujeito presente no tema”: no debate sobre violência o sujeito apresentado por alguns educandos era o agressor, e por outros a vítima. Este sujeito tinha um estereótipo físico. Como era este personagem? O que ele possuía? Como ele poderia ser visualmente identificado? Que imagens indicam esse sujeito? As imagens pesquisadas deveriam ser trazidas para a aula onde seria construído em uma folha dada pela professora, na qual, havia apenas o contorno do corpo humano, o personagem.



Foto 3: Arquivo pessoal da autora (2017)

No segundo momento da proposta, após uma avaliação junto aos educandos dos pontos positivos e negativos, até então ocorridos, foram permitidos aos educandos a autonomia para a sugestão dos temas, o exercício da aceitação do tema escolhido pela maioria, o respeito às proposições levantadas pelos colegas e a participação disciplinada nos debates.

Conclusão

Assim como foram apresentados pelos alunos diversos estereótipos já estabelecidos socialmente ou por grupos locais, diversas situações e diversos resultados surgiram, ao longo desta proposta, o que nos permite dizer que o resultado das análises é tão diversificado quanto o grupo de educandos que desenvolveram a atividade.

Nesta linha de pensamento, pode-se afirmar que o estereótipo mais diversificado foi o do aluno EJA, variando desde o pensamento de uma pessoa muito esforçada ou que corre atrás do tempo perdido, como o pensamento definidor de uma pessoa burra que não aprende, de um marginal ou, um bandido que “fugiu da escola”.

Outros estereótipos também apresentaram definições e construções múltiplas. A multiplicidade de definição referente aos estereótipos e aos personagens desenvolvidos plasticamente pelos educandos, está diretamente ligada com a idade e vivência do educando. Foi observado que, quanto mais jovem o educando, mais direcionado a significados negativos, como por exemplo, a ideia de bandido, burro, tráfico, armas, competição, e etc..., cujas definições eram postas taxativamente, enquanto que pelos educandos mais velhos (adultos e idosos), o mesmo estereótipo foi definidos com significados positivos, como por exemplo, esforçado, dedicado, lutador, batalhador, e etc.

O processo de pesquisa como ação a ser desenvolvida pelos educandos e materializada pela busca, seleção, recorde e a apresentação em sala de aula do material, também ocorreu para cada grupo de modo diferente. Os educandos jovens, com frequência, não traziam nenhuma imagem, alegando, ao serem questionados por qual motivo não haviam trazido o material necessário, as mais variadas justificativas. Os educandos idosos (foto 4) traziam, praticamente, em todas as aulas práticas, uma quantidade maior de imagens, gerando, ao longo do processo, algum estímulo aos jovens, ao se envolverem emotivamente na construção da proposta.



Foto 4: Arquivo pessoal da autora (2017)

Estes fatos, ligados diretamente à variável presença em sala de aula, levaram, ao final do processo, a variações na produção visual dos personagens, desde imagens pouco ou quase nada trabalhadas a imagens ricas em detalhes e, com clareza, sobre o pensamento ou o entendimento que o educando tinha sobre o estereótipo trabalhado.

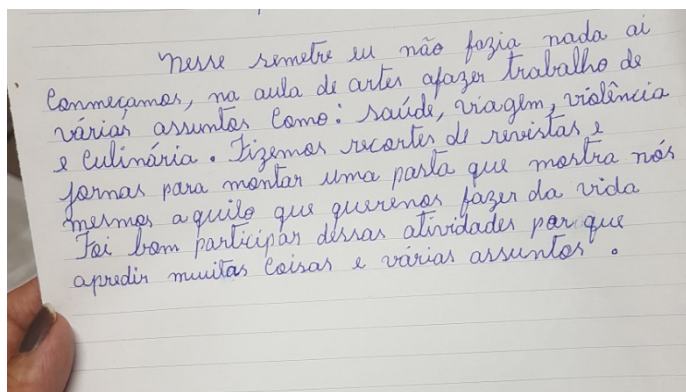


Foto 5: Arquivo pessoal da autora (2017)

Referências

ARAÚJO, Fernanda C. de. **Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunicada**. Revista Liberdades - nº 8 - setembro-dezembro de 2011 (p.3) In: http://www.revistaliberdades.org.br/_upload/pdf/9/resenha.pdf

DEWEY, J. **Como pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

GUERRA, A. Luiz. **Estereótipos**, 2017. In: <https://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>

SOUZA, Helga. **Jovens na modalidade EJA na Escola Pública: autodefinição de jovem e função das TDICES**. FE/UnB.2017. In: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22800>

VASCONCELOS, Lia. Sociedade – As dimensões da pobreza. **Revista Desafios do desenvolvimento – Ipea**. Ano 4 . Edição 30 - 11/1/2007. In: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1132:reportagens-materias&Itemid=39

Minicurrículo

Helga Valéria de Lima Souza

Professora de artes da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Doutoranda na linha de pesquisa Educação e Tecnologia, da Faculdade de Educação/UnB, com orientação do Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa. Mestre em Educação e Tecnologia pela FE/UnB – 2016. Especialização em Docência na EJA pelo EAPE- 2016. Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais/UFG, em 2009.

